

DATA LUTA



BOLETIM DATA LUTA

Uma publicação do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA.
Presidente Prudente, julho de 2018, número 127. ISSN 2177-4463.

www.fct.unesp.br/nera

ARTIGO DATA LUTA

Relembrando junho de 2013.

ARTIGO DO MÊS

A violação dos direitos dos povos do campo acriano mediante os projetos de desenvolvimento sustentável.

<http://www2.fct.unesp.br/nera/artigodomes.php>

EVENTOS

Encontro de Estudantes de Geografia da Região Sul do Brasil - EREGEO SUL

UNILA/Foz do Iguaçu - Paraná, 15 a 18 de novembro de 2018.

X Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología Rural – ALASRU

Montevideo – Uruguay, 25 al 30 de noviembre de 2018.

PUBLICAÇÕES, VÍDEOS E POD TERRITORIAL



Okara: Geografia em debate.
Vol. 12, N. 2 (2018) Dossiê
Michel Temer e a Questão
Agrária

Orgs: Programa de Pós-
Graduação em Geografia da
Universidade Federal da
Paraíba, PPGG/UFPB

Seu propósito é fomentar o debate entre pesquisadores, especialistas, professores, pós-graduandos e profissionais que trabalham na Geografia. Tem por objetivo divulgar pesquisas e experiências que contribuam para o conhecimento teórico e prático da Geografia.
<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/okara/issue/view/2129/showToc>.



De Olho no Paraguai
Realização: De Olho nos
Ruralistas.

Está no ar o site De Olho no Paraguai. Em 36 reportagens, ele conta um pouco da história do domínio de uma boa parte do território paraguaio por latifundiários – e empresas agropecuárias – brasileiros. Não se trata de mais um relato sobre a presença de brasiguaios, os colonos, no país vizinho. É sim de um retrato dos grandes proprietários de terra, que não necessariamente moram no Paraguai. Para ver: goo.gl/834dFe



**PodCast Unesp – Pod
Territorial.**
Autores: Vários

O Podcast Unesp, em parceria com a Cátedra Unesco Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial, publica semanalmente noticiário sobre Reforma Agrária, povos de diferentes etnias, questões geográficas e outros assuntos que colaboram significativamente no desenvolvimento social. Para ouvir/baixar: <http://podcast.unesp.br/>.

EQUIPE:

Editoração: Danilo Valentin Pereira e Lucas Pauli (bolsista FAPESP).

Coordenação: Janaína F. S. C. Vinha, Eduardo P. Girardi, Valmir J. de O. Valério (bolsista FAPESP) e Danilo Valentin Pereira.

Leia outros números do BOLETIM DATA LUTA em www.fct.unesp.br/nera

RELEMBRANDO JUNHO DE 2013

Hellen Carolina Gomes Mesquita da Silva

NERA/UNESP - Faculdade de Ciência e Tecnologia de Presidente Prudente
mesquitahcg@gmail.com

Rodolfo de Souza Lima

NERA/UNESP - Faculdade de Ciência e Tecnologia de Presidente Prudente
rodolfo_souza13@hotmail.com

Cinco anos depois, as manifestações de junho de 2013 ainda fazem parte do imaginário coletivo no que se refere as mobilizações políticas e de massa no Brasil. A data ficou marcada por uma onda de protestos que se espalhou da capital paulista para várias cidades brasileiras, mobilizando milhares de pessoas no que se tornaria, naquele momento, a maior série de manifestações populares urbanas do Brasil desde o movimento pelo *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, 21 anos antes. As ações, inicialmente, gravitaram sobre uma única organização, o Movimento Passe Livre - MPL, liderado por jovens e estudantes que se opunham ao aumento no preço das passagens de ônibus de R\$ 3 para R\$ 3,20. O presente texto não tem como objetivo fazer uma reflexão teórica sobre as manifestações de junho de 2013, mas sim, lembrar alguns dos principais apontamentos do que se constituiu este momento histórico do ponto de vista das mobilizações políticas no Brasil.

Do contrário do que muitos tinham como impressão na época, o MPL não se tratava de um movimento novo. As pautas sobre mobilidade urbana e direito à cidade já estavam em disputa através da organização de movimentos sociais desde a Revolta do Buzu na cidade de Salvador¹, em 2003, e a Revolta da Catraca em Florianópolis, em 2004. Esta última é apontada pelo próprio movimento MPL como sendo uma das mobilizações que contribuíram para uma organização mais efetiva das reivindicações do passe livre enquanto movimento social, que teve sua fundação oficial em 2005, no Fórum Social Mundial na cidade de Porto Alegre.

No ano 2004, em decorrência de um reajuste de 15,6% feito pela prefeitura, através do Conselho Municipal de Transportes, e pelas empresas de ônibus da capital catarinense, milhares de pessoas saíram às ruas entre 28 de junho e 08 julho². As manifestações foram marcadas por uma agressiva repressão policial, o que contribuiu, significativamente para o acirramento das mobilizações, fazendo com que mais e mais pessoas participassem como forma de repúdio a violência contra os manifestantes.

Do que há em comum entre as motivações das manifestações de junho e julho de 2004 e junho de 2013, sem dúvida, são as disputas pelo direito à cidade, em decorrência do desgaste de um modelo de mobilidade e transporte coletivo urbano perante a população. Além disso, outro fator em comum está na forma violenta com o que as ações foram reprimidas pelas forças policiais. Contudo, há algumas particularidades do contexto das mobilizações de junho de 2013 pelo país, dentre elas, a massificação nacional e as disputas políticas pelas pautas e narrativas do que se tornaram as manifestações.

¹ Ver: A Revolta do Buzu de Salvador – 10 anos de luta pelo passe livre. Disponível em: <https://memorialatina.net/2013/08/13/a-revolta-do-buzu-salvador-10-anos-de-luta-pelo-passe-livre/>

² Ver: <http://tarifazero.org/>

Em 2013, as manifestações pelo Passe Livre se iniciam na cidade de Porto Alegre³, pouco antes de seu ápice, em junho. No mês de janeiro, foi organizado um Bloco de Luta pelo Transporte Público, reunindo diversos militantes e organizações de esquerda. No dia 21 de janeiro, cerca de 200 pessoas - um número modesto se comparado ao que estava por vir nos meses seguintes - passivamente percorreram a capital gaúcha na tentativa de barrar o aumento da passagem de ônibus, que subiria de R\$2,85 para R\$ 3,05.

Dois meses depois, no dia 21 de março, o Conselho Municipal de Transporte Urbano de Porto Alegre (COMTU) aprovou o aumento de 6,51% na tarifa. O protesto contra a insistência no reajuste foi realizado no dia 28 de março, desta vez com quase mil pessoas nas ruas. Esta manifestação fica marcada por algumas ações de mais radicalidade. Alguns manifestantes tentam na sede da prefeitura e jogam tinta no secretário de governança do PMDB, César Busatto. No mesmo momento, uma manifestante, militante do PSOL, foi detida dentro da prefeitura e encaminhada ao Palácio da Polícia. A detenção da manifestante ocasionou uma marcha até o local, exigindo sua liberdade.

O ocorrido na prefeitura de Porto Alegre rapidamente se espalha pela cidade e outros estados, tendo as redes sociais papel preponderante para isso, o que ajuda a engrossar as manifestações seguintes, como a do dia 1 de abril, em que cerca de cinco mil pessoas ocuparam as ruas da cidade para exigir a diminuição da tarifa de ônibus. O ato foi o maior da cidade até aquele momento e não teve registro de confrontos entre policiais e manifestante. Contudo, a atuação das forças policiais passa a se acirrar na medida em que as manifestações se desenvolvem, ganhando visibilidade e massificação a partir da metade de junho de 2013, não só na capital gaúcha, mas nas principais capitais do país.

Na cidade de São Paulo, durante as últimas semanas de maio, as notícias acerca do aumento das passagens de ônibus já circulavam pelos veículos de imprensa e mídias sociais. As matérias traziam que a decisão do reajuste, havia sido tomada após a então presidenta Dilma Rousseff (PT), afirmar que uma Medida Provisória seria editada para zerar dois dos principais tributos cobrados das empresas de transporte coletivo - PIS e Cofins - a partir do dia 1º de junho.

No dia 03 de junho, se iniciam os primeiros atos com a participação do MPL contra o ajuste das tarifas do transporte público. O ato, que se iniciou no Terminal Guarapiranga, seguiu em sentido a subprefeitura de M'boi Mirim, na zona sul de São Paulo e terminou com a queima simbólica de uma catraca de ônibus em frente a subprefeitura. Naquele momento, nos depoimentos dos manifestantes podia-se identificar a segregação socioespacial que acompanhou a financeirização das terras urbanas na região da Grande São Paulo, deslocando trabalhadores em condições precárias de vida e de trabalho para as periferias mais distantes das cidades, como diz Rosevaldo Alves, eletricista e participante da ação articulada pelo MPL naquele dia: "A tarifa aumentou, mas não tem qualidade nenhuma. Somos de uma região sofrida e esquecida, que se encontra abandonada pelo governo do Estado e da Prefeitura".

No dia 06 de junho, o movimento MPL convoca um grande ato contra o aumento das passagens. Com uma publicação no site tarifazero.org, o movimento convoca a população para o ato que se iniciaria às 17 horas, com concentração no Teatro Municipal, próximo ao metrô Anhangabaú. A publicação trazia,

³ Ver: Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013 o ano que não terminou. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/cidades/2013/12/retrospectiva-2013-o-ano-que-nao-terminou/>

também, a frase de ordem “Se a tarifa aumentar, São Paulo vai parar!”. O tom de rebeldia e radicalidade da frase circulou rapidamente pelas redes sociais, tornando-se título de inúmeras publicações e eventos no *Facebook* que organizavam o ato.

Durante o ato, que contou com cerca de dois mil manifestantes, a frase estava estampada entre faixas e cartazes e junto dela outro grito de ordem ganhava espaço “Vamos repetir Porto Alegre!”. A lembrança de Porto Alegre também estava na forma violenta com que o ato do dia 06 de junho foi reprimido em São Paulo, através da Polícia Militar e Tropa de Choque.

A repercussão do ato, desta vez, ganha especial cobertura das mídias tradicionais. Contudo, a narrativa se circundava em torno do caos instaurado pelo confronto entre manifestantes e Tropa de Choque e seus rebatimentos no trânsito paulistano. Nas redes sociais, a repercussão das ações segue uma tendência já iniciada em Porto Alegre e passa a se constituir efetivamente como um espaço de organização política das ações, contribuindo com a organização de manifestações em outras cidades brasileiras, também em torno do aumento da tarifa do transporte público.

Em contrapartida ao trato negligente da grande mídia, coletivos de mídia independente passam a ser formados, com o objetivo de relatar e repercutir os reais sentidos das manifestações, bem como visibilizar a truculência das forças policiais. É nesse contexto que nasce a Mídia Ninja, rede de jornalistas independentes cujo foco era dar suporte aos atos e manifestantes, com o *slogan* “Jornalismo Independente e Narrativas de Ação”.

No dia 13 de junho acontece o quarto grande ato organizado pelo MPL em São Paulo, desta vez, cerca de 20 mil pessoas são mobilizadas e a ação é marcada por desenvolvimento de táticas repressivas das Tropas de Choque e Polícia Militar. Apenas nas primeiras horas de concentração dos manifestantes, foram presas cerca de 70 pessoas, apenas pela aparente intenção em se participar dos protestos. A intenção era identificada pela PM pelo famoso “porte de vinagre” (já que vinagre atenua efeitos do gás lacrimogêneo). Novamente o ato foi marcado por violento confronto, mas desta o destaque na grande mídia trazia tons de clima de guerra, em grande parte atribuído pelas equipes de reportagem feridas no imbróglio que se criou pelas tentativas de dispersão da Polícia Militar.

Após o ato de 13 de junho os atos se pulverizam por diversas capitais e cidades brasileiras. A pauta, que até então era situada dentro das ações de esquerda, passa a ganhar novos contornos e reivindicações, representada, entre outros, na frase “não é só por 20 centavos”. Segundo algumas análises de conjuntura da época, inclusive de militantes do MPL, houve uma diluição dos sentidos iniciais das ações, operada, em parte, pela grande imprensa. “(...) era ela que tinha o maior poder de dar o sentido geral das manifestações, das pessoas terem ido às ruas como não se via há vinte anos, e assim direcioná-las como uma totalidade ao interesse da sua fração de classe”⁴.

OS SINTOMAS DA CRISE DO NEODESENVOLVIMENTISMO E OS SENTIDOS DE JUNHO DE 2013

Estávamos vivendo um período de início de uma crise do neodesenvolvimentismo, caracterizado pela diminuição das taxas de crescimento devido a conjuntura internacional que iria culminar no golpe de 2016 e a retomada da agenda neoliberal. O neodesenvolvimentismo se inicia no governo Lula e continua

⁴ Ver: Escrito em 5 de junho de 2013: relembro junho. Disponível em: <http://passapalavra.info/2018/05/119861>
Disponível em www.fct.unesp.br/nera

com Dilma Rousseff, como uma forma de desenvolvimentismo possível na era neoliberal, combinando crescimento econômico com redução da pobreza. A frente neodesenvolvimentista tinha a burguesia interna como classe dirigente e que mais ganhava com a política adotada. Organizada pelo Partido dos Trabalhadores (PT) o neodesenvolvimentismo também era composta, de forma subordinada, setores da classe trabalhadora como frações do campesinato, do operariado e das frações mais pauperizadas do proletariado, que ganhavam com políticas públicas de redução da pobreza como o Minha Casa Minha Vida, Fies, entre outras. Essa frente política que se esfacela em 2016 com a saída da burguesia interna, incapaz de aceitar concessões à classe trabalhadora, e a consequente aliança desta com a oposição, que era realizada pela frente neoliberal - dirigida pela fração financeira do capital e organizada pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) - articulam um golpe no país.

Os sintomas da crise do neodesenvolvimentismo, e os impactos desse modelo na classe trabalhadora também estavam ali presentes em junho de 2013, mas as insatisfações da classe trabalhadora ali presente não levaram a um processo de acúmulo de forças no sentido de uma “ruptura” popular. De fato, após junho muitos governantes perderam nível de popularidade, em especial Dilma. Não teremos condições aqui de entrar na polêmica se junho de 2013 serviu de auxiliar para a direita ou de fato um processo de pedagogia de massas que elevou a consciência política do povo. Mas também é fato que para muitos jovens foi sua primeira experiência política, na manifestação de rua. Ali estavam presentes muitas contradições desde o confronto com as autoridades, com a polícia, mas também contradições internas nas manifestações, pessoas de ideologias muito heterogêneas no mesmo espaço com entendimentos diversos sobre a condução das manifestações e sobre o que lutar.